



[Atribuição BB CY 4.0](#)

(ETNO) CIÊNCIAS E CHÃO REDONDO À SOMBRA DO BAOBÁ: TECENDO DIÁLOGOS COM AS TECNOLOGIAS ANCESTRAIS

Alexandrino Moreira Lopes¹

Elcimar Simão Martins²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as (etno)ciências por meio do diálogo construído no espaço Chão Redondo durante o evento Memórias de Baobá, um encontro formativo dedicado à história e à cultura afro-brasileira no currículo escolar. Caracterizado por uma abordagem qualitativa, este trabalho foi desenvolvido metodologicamente a partir da reflexão crítica e da análise de narrativas construídas durante o evento vivenciado sob o baobá centenário localizado na Praça dos Mártires, também conhecida como Passeio Público, em Fortaleza, Ceará. As reflexões do Chão Redondo destacam a importância de valorizar e promover diálogos entre a universidade e os saberes produzidos por povos tradicionais, de modo a estabelecer uma relação de respeito e reconhecimento da diversidade de conhecimentos, sem indicar que um seja superior ao outro.

¹ Doutorando em Ciência, Tecnologia e Educação (PPCTE/CEFET-RJ). E-mail: alexandrino.lopes@aluno.cefet-rj.br

² Prof. Dr., Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: elcimar@unilab.edu.br

Palavras-Chave

Memórias de Baobá; Saberes Populares; (Etno)ciências.

Recebido em: 02/04/2025

Aprovado em: 16/07/2025

(ETHNO) SCIENCES AND ROUND GROUND IN THE SHADE OF THE BAOBAB: WEAVING DIALOGUES WITH ANCESTRAL TECHNOLOGIES

274

Abstract

This paper aims to reflect on (ethno)sciences through the dialogue constructed in the Chão Redondo space during the Memórias de Baobá event, a formative meeting dedicated to the history and culture of Afro-Brazilian heritage in the school curriculum. Characterized by a qualitative approach, this work was methodologically developed based on critical reflection and analysis of narratives constructed during the event experienced under the baobab tree located in Praça dos Mártires, also known as Passeio Público, in Fortaleza, Ceará. The reflections from Chão Redondo highlight the importance of valuing and fostering dialogues between the university and the knowledge produced by traditional peoples, establishing a relationship of respect and recognition of knowledge diversity without implying any hierarchy between them.

Keywords

Memories of Baobá; Popular Knowledge; (Ethno)sciences

À sombra do Baobá: palavras iniciais

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar

Pensar a ciência em suas múltiplas dimensões exige o exercício da desconstrução e da descolonização, deslocando do centro o conhecimento que, por séculos, foi imposto como único e absoluto em nossas cabeças. As formas e práticas de produção de saber são expressas de diferentes maneiras, considerando as multidimensões: social, política, econômica e cultural que caracterizam cada povo.

A diáspora africana, no contexto de um deslocamento forçado, enfrenta desafios raciais que dificultam ao povo negro o pleno reconhecimento e a afirmação de sua identidade diante das adversidades impostas pela estrutura da sociedade brasileira. Os saberes desenvolvidos por homens e mulheres africanos(as) ao longo de sua história têm sido ameaçados pelas imposições das novas civilizações. Esse processo é conduzido por uma lógica capitalista globalizada que busca invisibilizar a existência integral do(a) africano(a), impondo uma uniformidade nas formas de viver e pensar. Tal prática nega o ser e o modo de vida do outro, mesmo reconhecendo que a dinâmica espaço-temporal é intrinsecamente mutável, guiada pela natureza que a constitui.

Os conhecimentos preservados pelos povos tradicionais são fundamentais para a construção da ciência moderna. Estratégica e simbolicamente, a etnociência pode servir como pano de fundo para essa construção. Lévi-Strauss (1989) definiu a etnociência como a ciência do concreto, abrangendo todos os saberes relacionados à natureza. De acordo com as ideias de Pomeroy (1994, p. 66), “no estudo da etnociência deve haver evidências da existência de práticas científicas entre os povos nativos, seja na astronomia, na ecologia, na agricultura ou nas práticas de caça”.

Nesse contexto, o objetivo do presente texto é refletir sobre as (etno)ciências por meio do diálogo tecido no espaço Chão Redondo durante o Memórias de Baobá. Metodologicamente, este trabalho foi construído a partir da reflexão de uma experiência vivenciada sob o baobá centenário localizado na Praça dos Mártires, também conhecida como Passeio Público, em Fortaleza, Ceará.

O texto está organizado em cinco seções: “À sombra do Baobá: palavras iniciais”, que oferece uma visão introdutória; “As raízes do Baobá: caminhos metodológicos”, que apresenta o percurso metodológico do texto; “(Etno)ciências: tecnologias ancestrais dos povos tradicionais”, com uma abordagem teórico-conceitual do tema debatido no encontro; “Tecendo diálogos sobre (etno)ciências no Chão Redondo”, que reúne depoimentos e reflexões de cinco participantes; “Sementes do Baobá”, que traz as considerações finais.

As Raízes do Baobá: caminhos metodológicos

Não podemos acreditar que a configuração da pesquisa seja algo neutro no campo acadêmico; ela se apresenta como uma construção política que beneficia os interesses de determinados grupos. Por isso, ao contemplar uma ampla diversidade cultural e incluir os interesses de diferentes coletividades, entendemos que o estudo científico deve caminhar junto ao saber cotidiano.

Para tanto, a pesquisa científica precisa ser realizada de maneira sistemática, utilizando métodos e técnicas direcionadas à busca de um conhecimento que esteja conectado à realidade empírica (Rudio, 2011). A pesquisa científica é definida como um “procedimento reflexivo sistematizado, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 139).

Este texto resulta de uma vivência no espaço Chão Redondo Etnociências, durante o Memórias de Baobá, evento cultural e formativo, que integra comunidade e universidade, discutindo ancestralidade, história e cultura afro-brasileira.

Metodologicamente, este trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões tecidas durante a experiência vivenciada sob o baobá centenário localizado na Praça dos Mártires, conhecida como Passeio Público, em Fortaleza, Ceará. Foi nesse local que participamos de um momento de explanação e diálogo durante Memórias de Baobá, realizado em Fortaleza/CE, em novembro de 2018, que

constituiu-se como uma atividade de caráter formativo e científico, reunindo pesquisadores, estudantes, mestres de saberes populares e comunidades tradicionais para debater a inserção da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Na atividade do Chão Redondo participaram cerca de 40 pessoas de diferentes regiões do país.

Diante da complexidade do nosso objeto de estudo, optamos pela abordagem qualitativa, que investiga de forma profunda as relações, os processos e os fenômenos, considerando valores, crenças e uma multiplicidade de significados (Minayo, 2001). Essa abordagem prioriza o trabalho com “a subjetividade dos pesquisadores e dos sujeitos; combina várias técnicas de coleta e análise de dados, está aberta ao mundo da experiência, à cultura e ao vivido; valoriza a exploração indutiva e elabora um conhecimento holístico da realidade” (Anadón, 2005, p. 20).

Para a construção dos dados, utilizamos a entrevista narrativa, conforme a compreensão de Apple (2005). O autor destaca a autonomia do entrevistado para narrar sua experiência com base em sua própria compreensão. Dessa forma, nossa entrevista não se baseou em perguntas e respostas estruturadas. Foi guiada por uma pergunta inicial motivadora, que favoreceu a reflexão dos sujeitos sobre os fatos que vivenciaram. Obtivemos relatos de cinco participantes. As entrevistas foram realizadas com o devido Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo anonimato e respeito às normas éticas estabelecidas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). A escolha dos cinco participantes para análise neste texto considerou a diversidade de trajetórias, vínculos comunitários e experiências com saberes tradicionais, compondo um recorte representativo. que remetem a cinco antigas civilizações africanas: Gana, Mali, Kush, Songhai e Axum, codinomes utilizados para resguardar a identidade dos sujeitos.

Movidos pelas forças ocultas do mundo invisível, segundo a concepção africana, começamos a pensar a participação no Memórias de Baobá, cujo título já simboliza as culturas africanas tradicionais. Assim, pensar na memória, segundo a cosmovisão africana, requer um profundo e sincero diálogo com as vivências dos nossos ancestrais, sistematizado pelo segredo e compromisso com a nossa oralidade, que é proferida pela força da palavra sem nenhum acréscimo

daquilo que foi vivenciado por aqueles que partiram para a grande viagem³ (Hampatê Bâ, 1982).

Pensar o significado da palavra baobá, de acordo com a filosofia africana, remete-nos a um contexto não dimensionável e sagrado, pois essa árvore nos permite o contato sublime com as entidades espirituais por meio de suas energias. Com esse entendimento, no ano de 2017, nós e outros pesquisadores estivemos em Cabo Verde (Continente Africano) e fomos visitar a casa onde o revolucionário Amílcar Lopes Cabral⁴ viveu a sua adolescência e encontramos um baobá naquele espaço. Juntamos um grupo de pessoas em forma de círculo e abraçamos o gigante, haja vista que a ternura do profundo abraço do baobá não caberia somente nos braços de uma pessoa.

Sob esse entendimento, discutimos como se daria a participação de um jovem africano na diáspora, cursando mestrado, e um brasileiro, professor universitário. Optamos por não construir um discurso romantizado, mas de mostrar a luta pela emancipação e reconhecimento dos descendentes dos povos africanos. Assim, entendemos que aquele espaço-tempo mover-se-ia pelo mundo dos fenômenos⁵.

(Etno) ciências: tecnologias ancestrais dos povos tradicionais

A fundamentação teórica proposta neste texto baseia-se em um diálogo com os saberes populares, que representam uma rica diversidade de expressões e domínios culturais específicos de diferentes povos. Frequentemente, esses saberes são rotulados de modo pejorativo, como se fossem mitos, feitiços ou ainda uma espécie de possessão espiritual (Pinheiro; Giordan, 2010). Contudo, essa forma de analisar e discutir os saberes populares, articulada às evidências de práticas científicas, tem ganhado espaço nos princípios da etnociência.

Dentro dessa abordagem, Pinheiro e Giordan (2010) argumentam que a ciência emerge da relação entre o ser humano e a natureza. Nesse contexto, o ser humano busca compreender os fenômenos dessas práticas a partir das interpretações que consegue realizar, dialogando com o período histórico e o contexto em que vive. Assim, o indivíduo codifica os fenômenos naturais por meio

³ Na maioria das culturas africanas, a morte não corresponde ao fim, mas ao início de uma grande viagem.

⁴ Político, agrônomo e teórico marxista de Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Nasceu em 1924, na cidade de Bafatá, Guiné-Bissau. Foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973, em Guiné-Conacri.

⁵ Mundo movido pelas forças ocultas, que determinam o destino dos homens segundo a Filosofia Africana.

de linguagens que os relacionam com suas práticas e ações, utilizando recriações como mitos, cantos e desenhos, entre outras formas.

Canclini (2003) interpreta os saberes populares como plurais e em constante transformação, caracterizando-os como culturas híbridas e dinâmicas, ao contrário das perspectivas acadêmicas tradicionais que buscam reduzi-los a categorias fixas ou inferiores. Para Canclini (2003, p. 218), esses saberes não estão sendo extintos, mas sim evoluindo e se adaptando às emergências e necessidades das civilizações:

Mas o que já não se pode dizer é que a tendência da modernização é simplesmente provocar o desaparecimento das culturas tradicionais. O problema não se reduz, então, a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade.

A dinâmica do tempo é irreversível, pois passa e transforma o meio em que vivemos, fazendo com que o ser humano desenvolva novas necessidades de acordo com o espaço-tempo em que se encontra. Nesse contexto, é essencial questionar os interesses que sustentam a sociedade de consumo para compreender se estamos respeitando o curso natural da evolução ou se estamos impulsionando essa evolução em favor do lucro.

A reflexão sobre a trajetória das etnociências, destacando os desafios e a expansão dessa área, é uma “profunda exploração teórica da dimensão cognitiva das culturas humanas” (Serra 2001, p. 120). O autor aponta que as pesquisas etnocientíficas têm apresentado progressos significativos, mas ressalta que elas não podem ser analisadas de forma isolada, já que dependem e se fortalecem pela interdisciplinaridade.

Silva e Fraxe (2013) discutem como as etnociências questionam os saberes das populações tradicionais que não são codificados pelos cientistas. Esses conhecimentos, característicos de determinados povos, variam conforme o ambiente em que vivem, influenciados tanto por aspectos sociais quanto culturais. Costa (2008), tomando Lévi-Strauss como referência, define as etnociências como a ciência do concreto.

Tomando a Etnociência como um dos pontos centrais para a legitimação de uma nova epistemologia de conhecimento, proposta a partir das práticas e saberes produzidos por pessoas historicamente consideradas como subalternizadas, Martins et al (2019) refletem as epistemologias alternativas a partir dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres africanos(as), especialmente os povos Dogons, que habitam a região do platô central do Mali,

na África Ocidental. Nessa reflexão, de modo científico e espiritual, falam que os Dogons parecem descrever a verdadeira estrutura subjacente da matéria, simplificando e assemelhando os seus conhecimentos aos componentes da matéria.

No final do século XIX, já havia um grupo significativo de etnógrafos debatendo e utilizando o termo etnociências, que combinava os elementos etno e ciência. Nesse contexto, “o prefixo etno foi originalmente definido como o que é típico de uma dada cultura ou grupo social” (Pinheiro; Giordan, 2010, p. 360). Para D’Ambrosio (2005), o termo etno refere-se à realidade natural e sociocultural, englobando um conjunto de expressões e ações que simbolizam a dinâmica de um povo.

A partir do prefixo etno, surgiram outras áreas do conhecimento, como etnomatemática, etnobiologia, etnobotânica, etnofilosofia e etnolinguística, entre outras. Segundo Serra (2001), a etnobiologia e a etnobotânica têm se desenvolvido de forma mais expressiva no Brasil.

O autor relaciona esses estudos às vivências cosmológicas das comunidades do candomblé nagô, que possuem um conhecimento profundo sobre as folhas cultivadas em seus espaços sagrados, sistematizado sob a perspectiva da etnofarmacobotânica.

De acordo com Serra (2001), essas folhas estão associadas às divindades, desempenhando um papel fundamental na cura de doenças. No âmbito das doenças mentais, ele também descreve como a etnopsiquiatria opera dentro das comunidades do candomblé.

Em suma, não há negar que a *tberapéia* do candomblé envolve técnicas de restauração/promoção da saúde, e particularmente do que chamamos de “saúde mental”; deste ponto de vista, creio mesmo que cabe falar, a propósito, em um “sistema médico”, em uma “etnopsiquiatria”. Mas convém advertir que a pertinência tem um limite (Serra, 2001, p. 124).

As práticas de cuidado com a saúde no candomblé ganham força e sentido de cura, especialmente para aqueles que, ao longo de séculos, foram historicamente oprimidos. Quando uma pessoa preta procura um terreiro de candomblé, sente confiança ao conversar com alguém que compartilha de vivências e sofrimentos semelhantes. Essa conexão promove um acolhimento que orienta e fortalece a capacidade de enfrentar as desigualdades impostas pelo tempo.

A partir de uma abordagem inter e transdisciplinar, voltada para os conhecimentos tradicionais, Strachulski (2017), busca uma proximidade da etnociência, em especial a etnoecologia, com a teoria da complexidade, na perspectiva de resgatar e valorizar diferentes tipos de saber, oportunizando a inter-relação entre as mesmas, para possibilitar a compreensão da realidade sem fragmentação.

No âmbito do ensino e da aprendizagem, essa perspectiva ressoa nas discussões sobre o significado de ensinar ciências em um mundo marcado por imensa diversidade cultural. Essa realidade demanda “desenvolver atividades científicas que não violem as crenças dos estudantes” (Gondim; Mól, 2008, p. 3). Nesse sentido, Lopes (2017) propõe uma abordagem inovadora ao relacionar conceitos físicos e matemáticos com o movimento do trapitxi (máquina de moer cana), sugerindo estratégias que fortalecem o processo de ensino e aprendizagem. Sua proposta busca ultrapassar a didática eurocêntrica, criando novas possibilidades para o ensino secundário e superior em Cabo Verde.

Pomeroy (1994) destaca que uma proposta educacional que valorize a diversidade cultural no ensino de ciências deve considerar os conhecimentos populares e as tecnologias nativas. Assim, é imprescindível que práticas e tecnologias populares sejam formalmente classificadas como etnociências para serem investigadas e trabalhadas no ambiente escolar. Essa reflexão nos provoca a pensar como tais conhecimentos podem ser valorizados no contexto educacional. A conexão entre tecnologias ancestrais e o ensino de Ciências permite questionar o modelo eurocentrado da educação, abrindo espaço para práticas pedagógicas contextualizadas, culturalmente significativas e ancoradas nas realidades de povos tradicionalmente subalternizados.

Tecendo diálogos sobre (etno) ciências no Chão Redondo

*“Defuma com as ervas da jurema, defuma com arruda e guiné,
com alecrim, bejoim e alfazema, vamos defumar filho de fê”.*

Os versos deste canto de Umbanda evocam as ervas da natureza - nossa irmã, nossa mãe - que nos oferecem o saber da cura e as tecnologias ancestrais transmitidas por nossas tataravós, bisavós, avós e mães. Esses saberes e fazeres são repassados de geração em geração, preservando tradições milenares por meio de chás, banhos de limpeza, incensos e remédios que aliviam, acalmam e curam.

Buscando um mergulho em nossa ancestralidade e raízes, evocamos os saberes guardados na memória afetiva ou ainda praticados, aprendidos com os mais velhos. Assim, iniciamos nossa exposição-diálogo no Chão Redondo do Memórias de Baobá, como descrito a seguir por Gana:

A roda se formou no chão. O velho baobá cearense, símbolo de nossa ancestralidade, abriu as suas folhas novinhas para nos acolher e acompanhar o pensamento negro que se fez presente na pessoa do jovem cientista Alexandrino, nosso irmão de raça e coração. Seu falar português Cabo-Verdiano nos convida à reflexão e ao olhar sobre papeis e desenhos, nos deixou à vontade, como os sábios sabem fazer. Na roda se olhavam e se moviam como aprendentes e ensinantes (Gana).

Sobre os encantos compartilhados no aprendizado e ensino, Axum destacou as formas de produzir conhecimento em sua comunidade. Ele colocou a ciência no centro daquilo que é construído diariamente no cotidiano de seu povo. Dialogando com suas práticas e com os saberes herdados, ele afirmou:

Nunca fiz um curso superior e nunca fui para a universidade, mas possuo técnicas, conhecimentos e saberes sobre pesca que possibilitam pescar quantidade significativa de peixe para a aldeia. Existem técnicas e conhecimentos de sobrevivência detidos por nós na pescaria que nos permite passar vários dias nas águas do mar sem grandes suportes materiais (Axum).

No contexto sociocultural de sua comunidade, Axum⁶ falou ainda sobre a produção de mocoioró, uma bebida extraída do caju fermentado, produzida de modo orgânico, de acordo com conhecimentos sagrados preservados pelo povo indígena Tremembé. Quando a bebida está pronta, a festa perpassa pelos caminhos da aldeia, no ritmo e nos passos do toré, o ritual sagrado indígena.

Interpretando o que Axum traz na sua fala, corroboramos que as epistemologias e as metodologias para a produção de conhecimento não se limitam aos muros das universidades. Assim,

Entendo que o conhecimento está dentro e fora das universidades, inclusive esse conhecimento dito popular, saberes populares; eles, na minha concepção, são muito importantes, talvez mais importantes que os saberes acadêmicos, porque na verdade são eles que dão validade para saberes acadêmicos. É absolutamente importante que a academia deixe de negar esses valores. Então, quando a gente fala descolonização de saberes, estamos a falar desse reconhecimento e potencialização desses saberes que vem da nossa própria vivência, das experiências dos mais velhos, e em especial, os que tem essa relação intrínseca com a natureza, compreendendo que nós não somos sem essa relação com a natureza, somos parte dessa relação (Mali).

⁶ Indígena Tremembé, que compartilhou a fala conosco.

Nesse sentido, Domingos (2011) revela que o projeto maior do homem e da mulher africano(a) não é dominar e transformar a natureza para obter proveito e poder econômico a fim de impor e ostentar o seu status social na sociedade. De modo contrário, o projeto maior na concepção tradicional africana é encontrar o equilíbrio, a harmonia entre o humano e a natureza no Universo.

Ora, as experiências de colonização não aconteceriam sem antes funcionarem como verdadeiros rolos compressores sob inúmeras civilizações. E os centros de produção, circulação e consumo de conhecimentos como as escolas, museus, universidades funcionaram como um dos principais lócus de legitimação dos inventários e catalogações coloniais, fenômeno que [Valentin] Mudimbe chamou de Biblioteca Colonial – parte das assimetrias que constituíram a empresa colonial e suas heranças, motivo pelo qual se discute e disputa a controversa categoria “etnociências” (Kush).

Este excerto de Kush reflete o que Mudimbe (2013) explora em seu estudo, ao explicitar a estrutura de marginalidade imposta pela atuação dos colonizadores no continente africano. Essa atuação distorceu e destruiu as formas de vida das populações africanas. Contrapondo a visão colonizadora, Mudimbe (2013) nos apresenta outra perspectiva, fundamentada em uma espécie de arqueologia da gnose africana enquanto sistema de conhecimento.

Ele busca relacionar questões filosóficas de grande relevância, destacando uma abordagem em que a forma, o conteúdo e o estilo do conhecimento assumem uma dimensão africanizante, dialogando com sistemas tradicionais de pensamento e suas possíveis relações com os paradigmas normativos de saber.

Essas ideias nos levam a refletir sobre a construção e a abrangência da ciência em sua totalidade, também considerando os depoimentos dos participantes. Estes revelam que a ciência não se restringe ao que é produzido nos espaços acadêmicos.

Portanto, a nossa compreensão é de que, a produção de conhecimento emerge de uma vivência coletiva, intrinsecamente conectada à relação de cada povo com a natureza. Nesse contexto:

Colher a folha, mexer a erva, rezar a reza são conhecimentos de tecnologias ancestrais que aprendemos com nossos antepassados indígenas, africanos, assim também como com as mulheres europeias que a historiografia negou e nominou ‘bruxas’. Em rodas de formação como essa sobre etnociências, refletimos e percebemos a subalternização e negação de conhecimentos tradicionais populares que envolvem não apenas ‘cápsulas’ farmacológicas produzidas em série, mas principalmente, os acolhimentos afetivos, a entrada na mata ou floresta fortalecendo a irmandade mulher/homem/natureza, o preparo, as palavras de encantamento que podem ser cantadas ou pronunciadas (Songhai).

Estudos sobre as nossas tecnologias ancestrais instigam debates políticos e teórico-metodológicos sobre a produção de conhecimentos que muitas vezes são vistos como algo menor, subalternizado. Lopes (2017) enfatiza as tecnologias ancestrais dos povos de Cabo Verde, apresentando uma forma qualificada e instigante de debater sobre a colonização do conhecimento como parte estrutural das nossas sociedades. O autor defende a necessidade de os povos africanos potencializarem seus conhecimentos em nome da defesa do imenso patrimônio que são os mundos de conhecimentos que escapam aos bancos universitários, pois na maioria das vezes acentuam-se na oralidade.

Acreditamos que é necessário lutar para garantir o acesso a espaço de privilégio (Universidade) às pessoas subalternizadas pela sociedade (negros, indígenas etc.). Assim,

Provocado pelo público, Alexandrino explicou porque ainda utiliza o termo “Etnociências”, embora não concorde com ele. O seu debate sobre estratégias de sobrevivência dentro das universidades, sobretudo no que diz respeito às necessárias negociações reiterou as dificuldades enfrentadas por pessoas como ele, que pesquisam temas como o dele, em instituições como a UNILAB. Isto é, o uso do termo Etnociências, em suas palavras, parece querer dizer muito mais sobre a brecha para a defesa de suas ideias do que a legitimação de um campo polêmico da filosofia do conhecimento, que articula “etno”, de povo, com “ciência”. Quando são brancos que produzem conhecimento os mesmos não são etnicizados, como os povos indígenas, africanos e seus descendentes. A contradição e a legitimação de assimetria aqui são flagrantes! (Kush).

Lopes (2017) defende que não há necessidade da universalização do termo etnociências, pois o compreende como uma forma preconceituosa de classificar a produção do conhecimento de povos que não se encaixam nos padrões e modelos da ciência ocidental.

Para tanto, questiona a importância que a etnociências tem dentro das universidades. A “ciência que a ciência tenta negar chamando de *curandeirismo*” (Songhai), mas que ao mesmo tempo se inspira para sua farmacologia, botânica e cosmética, é o que o pensamento ocidental rotulou da etnociências.

Conhecer as plantas e saber o momento de colhê-las, saber seus usos medicinais é um conhecimento científico que deverá ser preservado, respeitado e repassado, penso ser fundamental ressaltar que a ciência tradicional popular não nega a ciência farmacológica medicamentosa e sim acredita que há outras alternativas para casos de tratamento que não precisem ser inicialmente medicamentosos (Songhai).

Entretanto, faz-se necessário a descolonização de saberes, verificando a constituição da ciência no contexto da sua trajetória, analisando o lugar de

pertencimento da fala de quem a defende. Pautado nessa observação, dialogando com conhecimentos gerados pelas práticas sociais das vivências espontâneas das civilizações humanas, concretamente podemos pensar se o que chamamos de ciência, limitar-se-ia somente a essas dimensões acadêmicas, ou devemos compreender a mesma numa dimensão maior, incorporando-a as suas especificidades como um todo. Nesse caso, provavelmente teríamos que definir o que chamamos de ciências como etnociências, ou caso contrário, o que chamamos da etnociências como ciências.

E o mestre [Alexandrino] nos fala, desvelando uma ciência antiga consubstanciada em métodos ancestrais que lhe foi mostrada como novidade: a etnomatemática. Ouso dizer nesta roda, nascida no chão que se trata de uma ciência ancestral multirreferencial com suas relações dialógicas nascida aos pés de outros baobás no outro lado ao Atlântico de onde brotaram também nossos ancestrais (Gana).

Precisamos (re) significar conceitos, produzindo e colocando os diversos conhecimentos dentro da universidade. Na maioria das vezes determinado conhecimento é privilegiado em detrimento de outras formas de viver, de saber e de ser. Com isso, ficamos fechados e não nos abrimos às novas possibilidades que nos permitam pensar sobre a nossa própria existência e vivência.

Ao sermos privilegiados por estarmos dentro das universidades, temos uma responsabilidade maior, temos responsabilidade por nós e por nossos ancestrais, que nos permitiram estar aonde estamos, responsabilidade pelos jovens, porque estamos abrindo portas e temos responsabilidade por aquelas que estão por vir. E é isso, a ancestralidade é ontem, hoje e amanhã. Quando a gente fala de uma cosmo percepção africana/indígena estamos a falar de uma percepção do todo. Sendo que esse todo é o que existiu, o que existe e aquilo que já existe, mas que ainda não chegou (Mali).

No entanto, buscar a nossa compreensão é necessário. Fazer a prova da nossa existência requer um sacrifício pelo caminho que escolhemos trilhar. São várias dificuldades encontradas ao longo dessa caminhada para afirmarmos a nossa existência na produção do conhecimento, mas não podemos esquecer que o saber é como o brilho do sol, jamais se apaga.

Sementes do Baobá

O encontro Memórias de Baobá mostrou-se um ambiente essencial para a consideração e a apreciação das (etno)ciências, incentivando a conversa entre o saber universitário e os conhecimentos antigos de povos tradicionais. A vivência no Chão Redondo, sob o baobá secular, ressaltou a importância de criar

epistemologias mais abrangentes, que considerem a variedade de maneiras de conhecer, sem estabelecer hierarquias.

A avaliação feita durante esta pesquisa reafirma a premente necessidade de aproximar a academia das comunidades, erguendo laços que possibilitem um ensino mais conectado à realidade e firmado na história e na cultura afro-brasileira. Admitir a diversidade epistemológica não é somente uma atitude de reparação histórica, mas também uma colaboração crucial para a criação de um sistema de ensino que preze as distintas maneiras de gerar conhecimento.

Esse espaço de debate e reflexão nos mostrou que, enquanto a nossa referência e modelo para o desenvolvimento ficar restrito ao Ocidente, permaneceremos eternos escravizados de um pensamento ingrato, egoísta, desarmônico e solitário. Pensamento esse que não congrega a harmonia do conhecimento, restringindo o homem à sua própria compreensão.

Isso nos fez entender que a liberdade e a independência de um povo não podem ser analisadas somente pelas questões geográficas, mas também devem ser consideradas por questões do pensamento e das práticas locais. A nossa liberdade e emancipação dependerão da nossa compreensão, pois quanto mais conhecemos, mais nos fortalecemos.

Desta feita, se fazem necessários a afirmação, o reconhecimento e a catalogação das nossas práticas como produção de conhecimento para que possamos entender o nosso mundo e projetá-lo de uma forma harmônica e autônoma de acordo com o lugar de pertencimento, irmanando Brasil e Cabo Verde (África).

As reflexões do Chão Redondo destacam a importância de valorizar e estabelecer diálogos entre a universidade e os conhecimentos produzidos por povos tradicionais para que se estabeleça de fato uma relação de respeito e valorização da diversidade de conhecimentos, não indicando que um seja superior a outro.

Para o futuro, é crucial seguir examinando as abordagens de ensino que viabilizem a integração real desses conhecimentos no contexto escolar, assegurando um aprendizado que expresse a vastidão e a pluralidade das culturas afro-brasileiras.

Dessa forma, manter esses diálogos e ações ajudará não só a consolidar as (etno)ciências, como também a edificar um ensino mais justo, dedicado à pluralidade e à valorização das histórias e culturas que formam a sociedade

brasileira. Além disso, a sistematização das narrativas possibilitou compreender como o ensino de Ciências pode se beneficiar de uma abordagem intercultural, que valida os saberes populares como expressão legítima de ciência. Tal perspectiva aponta para caminhos que rompem com o modelo hegemônico e possibilita uma prática pedagógica mais justa, crítica e ancorada nas realidades dos estudantes.

Referências

- ANADÓN, M. **A pesquisa dita “qualitativa”**: sua cultura e seus questionamentos. Senhor do Bonfim, BA: UNEB/UQAC, 2005.
- APPLE, M. La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. **FQS. Forum: Qualitative Social Research**, Volumen 6, No. 2, Art. 16, p. 1-35, Mayo 2005
- BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 1982.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016**. Trata sobre as Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html Acesso em: 15 mar. 2023.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Os Saberes Populares da Etnociência no Ensino das Ciências Naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistemica**, v. 8, n. 1809-3108, p.1-11, jun. 2008.
- D’ AMBROSIO, Ubiratan. Sociedade, Cultura, Matemática e seu Ensino. **Educação e Pesquisa**, 31 (1), p. 99-120, 2005.
- DOMINGOS, Luis Tomás. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá (PR), v. III, n. 9, p.1-11, jan. 2011.
- GONDIM, Maria Stela da Costa; MÓL, Gerson de Souza. Saber Popular e ensino de ciências: possibilidades para um trabalho interdisciplinar. In: **Anais Encontro Nacional de Ensino de Química**, 14, 2008, Curitiba. Anais. Curitiba, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.
- LOPES, Alexandrino Moreira. **Física no Trapitxi**: Etnociência e Transposição Didática para uma nova abordagem no processo de ensino aprendizagem. 2017. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências da Natureza e Matemática com habilitação em Física, Instituto de Ciências Exatas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2017.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnica de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARTINS, Elcimar Simão et al. (Etno) Ciência Africana: Uma Epistemologia a Partir Do Pensamento Dos Dogons. **Revista da Abpn**, v. 11, p. 71-89, dez. 2019.
- Revista SCLAS. Direitos Humanos e Educação, Belo Horizonte/MG, v. 8, n. 1, p. 272-289, jan./jun. 2025. e-ISSN: 2596-1772.*

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A Invenção de África**. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Luanda/Angola: Pedago; Mulemba, 2013.

MINAYO, Maria; CECÍLIA, Sousa. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PINHEIRO, Paulo César; GIORDAN, Marcelo. O Preparo do Sabão de Cinzas em Minas Gerais, Brasil: Do Status de Etnociência à Sua Mediação para a Sala de Aula utilizando um Sistema Hipermídia Etnográfico. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.i], v. 15, n. 2, 2010.

POMEROY, Deborah. Science Education and Cultural Diversity: mapping the field. **Studies in Science Education**, 24, p. 49-73, 1994.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SERRA, Ordep. Antropologia nas encruzilhadas: “Que é feito da Etnociência?” Algumas Reflexões Teóricas a partir de pesquisas sobre etnomedicina e etnobotânica no mundo do candomblé. **Revista de Ciências Sociais**, v. 32, n. 1/2, p.120-130, 2001.

SILVA, Francisca de Jesus Pimentel da; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Saberes de populações tradicionais: etnociência em processos de bioconservação. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 8, 2013.